

BENEDICTO XAVIER

CONTOS

DA

ROÇA

Gustavo, o laçador.—O dorminhoco.—Um casamento no sertão.—O fiasco do João Barnabe.
Rapto.—Por um derriço...

S. PAULO
Typo-Lithographia Ribeiro
1898

— BENEDICTO XAVIER —

COYOTES

DA L.

ROÇA

Gustavo, o laçador — O dorminhoco — Um casamento no sertão — O flasco do João Barnabé — Rapto — Por um derricó...

YAN
15.521

VIDA
869.3246
X 3.0

OBRAS DO AUTOR

MAXIMAS E PENSAMENTOS

folheto 2\$000

EM PREPARO

ANGELINA—(Romance original.)

PALAVRAS TOSCAS—(Contos.)



Duas palavras

A QUEM ME LER

Aos caracteres serios e bem intencionados confio o presente trabalho, fazendo votos para uma critica severa, imparcial e justa, mas honesta, para que eu possa, apprendendo nos seus ensinamentos, seguir a estrada tortuosa e brava das letras.

Mais: Não escrevo para alcançar lóas com este e os demais trabalhos que pretendo publicar, nem para elevar minha obscura entidade, que folgo imenso de ver sempre e sempre na humildade e na insignificancia.

Desvaneko-me apenas com a alegria do meu trabalho honesto e com o desenvolvimento da minha penna.

Isto, ao menos, consola-me; e quantos, hoje, poderão gabar-se desta ventura?

S. Paulo, 7 de Abril de 98.

B. R.

À Dr. Manoel Vialli.

Gustavo, o laçador

GUSTAVO, O LAÇADOR

I

Montado no seu velho matungo, o Gustavo ia cortando a estrada, sob um sol ardente de Agosto, e a poeira do caminho se levantava alta, em curvas, á marcha impaciente do animal ainda esperto. Grande laço á garupa, pala sobre o ombro, cigarro ao canto da bocca, chapéu de palha, de enormes abas, ao alto da cabeça, lenço vermelho, de chita, comprido, formando um laço no pescoço, chilenas presas nos pés descalços.

—Eh! lá, eh! lá, nhô Gustavo,—gritou, com a sua voz rouca, o Sebastião, da porta da venda, levantando-se de sobre uma saœca de arroz.

Gustavo, o laçador de bois, voltou de repente a cabeça e parou o animal. Depois virou, passou as chilenas no matungo e estacionou á porta da venda do Sebastião.

—Fortinho, não, nhô Sebastião? —disse, estendendo a dextra, firmando-se nos estribos e curvando-se algo para a frente, sobre o dorso do cavallo.

—Quá, não vê?... anssim, anssim... —respondeu o Sebastião, alcando tambem a dextra.

—Calô disgracado, heim? E passou as mãos na crina do animal, para limpar o suor, segurando as redeas na bocca.

—E... Deus permitta que chova —disse o Sebastião, enrolando um cigarro —Mas, nhô Gustavo, apeie a tomá uma qualqué coisa...

—Muito agardecido, nhô Sebastião; mais porém agora eu arregeito...; p'ra ôtra veiz...

—Tá bão —fez o Sebastião, movendo a cabeça para um lado. Metteu as mãos nos bolsos, olhou sorrindo para o laçador de bois e atirando com a bocca a ponta do cigarro:

—Vae vê a nhá Eliza, heim, damnado?...

O Gustavo, que não sabia mentir, ageitou as redeas, olhou para o outro e sorriu:

—Eh! eh! eh!... isso lá é... E, depois, dando a mão:

—Antão-se intê a vorta; chocalhou as chilenas no animal, que saltou, desapparecendo adiante, na curva sinuosa.

Meio dia.

Aqui, além, no seio da matta, o estriador incessante e monotonu das cigarras, agitando as suas transparentes azas, faz-se ouvir, perdendo-se no ar immovel, duma atmosphera abrazadora e modorrenta.

II

... O sol já estava quasi a dobrar os cerros, quando o Gustavo chegou ao povoado. Magnifica tarde de domingo, aquella! O laçador de bois, apeiou-se, deitou o pala cinzento sobre o lombilho, tirou vagarosamente as redeas de sobre o pescoço do cavallo, e prendeu-as alli perto, num tronco de arvore decepada; deu com o cabo do chicote na anca do animal, para que este avançasse um poucochinho para diante; abriu bem as pernas, segurou o chicote embaixo do braço, passou o dedo index da mão esquerda pela testa, tirando o suor, puchou da orelha um cigarro comprido, de palha, accendeu-o, e caminhou.

—Bôas tarde, p'ra vanceis tudo...—disse o Gustavo, entrando na venda do Domingos, seu compadre e camarada antigo, fazendo tilintar no chão as chilenas enferrujadas.

—Bôas tarde... ôas tarde, nhô.—res., ponderam morosamente algumas vozes.

—Por aqui tudo bão, heim, compadre? —perguntou, cumprimentado ao Domingos.

—Seim maió novidade, compadre...

O laçador de bois sentou-se proximo, num banco, junto ao Barnabé. Travavam ambos conversa, enquanto o Domingos, debruços no balcão, braços cruzados, em mangas de camisa, conversava com alguns boia-

deiros, que estavam á porta uns, outros dentro, sentados sobre os calcanhares, a picarem pachorrentamente cordas de fumo, com amolados canivetes pontudos, de largas laminas, para cigarro. Carros de bois, estacionavam parados em frente á venda; e os animaes vigorosos, olhos parados tristemente, cabeça baixa, como que pensativos, cauda em circumferencia sobre as ancas, movendo de espaço a espaço as orelhas, onde pousavam moscas teimosas, ruminavam, deixando cahir da bocca uma espuma branca, que escorria em linha verticalmente para o chão. Houve um pequeno silencio entre o Gustavo e o Barnabé mas, de repente, o primeiro:

—E eu vô indo lá p'ra cima... eh ! eh ! mecê já sabe... E tomou do calice de pinga, que o esperava no balcão, fazendo, num gole, o liquido rolar pela garganta abaixo ; estalou com força a lingua, fechou os olhos, contrahiu as sobrancelhas, depositou o calice no balcão, e a pedido do Barnabé, sentou-se novamente, cruzando a perna direita na esquerda. E enquanto o Barnabé contava pesaroso umas rusgas que tivera na vespera entre elle e a sua metade, o Gustavo, com a cabeça baixa, apromptava um cigarro, vagarosamente, bainboleando a perna, escutando-o.

III

Escureceu de todo. Uma lua doce, muito pallida, surgia agora, no azul dos céus ; e, estrelas piscando, alvejavam timidas no alto.

O Gustavo, não dando demonstra-

ções de irritação, arranjou as chilenas, que havia tirado, montou a cavallo e, partindo a galope, desappareceu por detrás dum mattagal. A triste nova, dada pelo Barnabé, de que Eliza, a filha do nhô Pedro, do botequim, havia falecido, naquelle dia mesmo, o impressionou e entristeceu demasiadamente. «Eliza, a joven e vigorosa camponeza, por quem elle sentia o quer que era de singular no coração, havia pouco morrera! Era impossível, não podia ser!... pensava.

... Lá muito embaixo, isoladamente, desenhava-se uma casa, tranquilla e pobre casa de sertão. O laçador de bois, chegado alli, entrou; os olhos desmesuradamente abertos, espreitavam.

IV

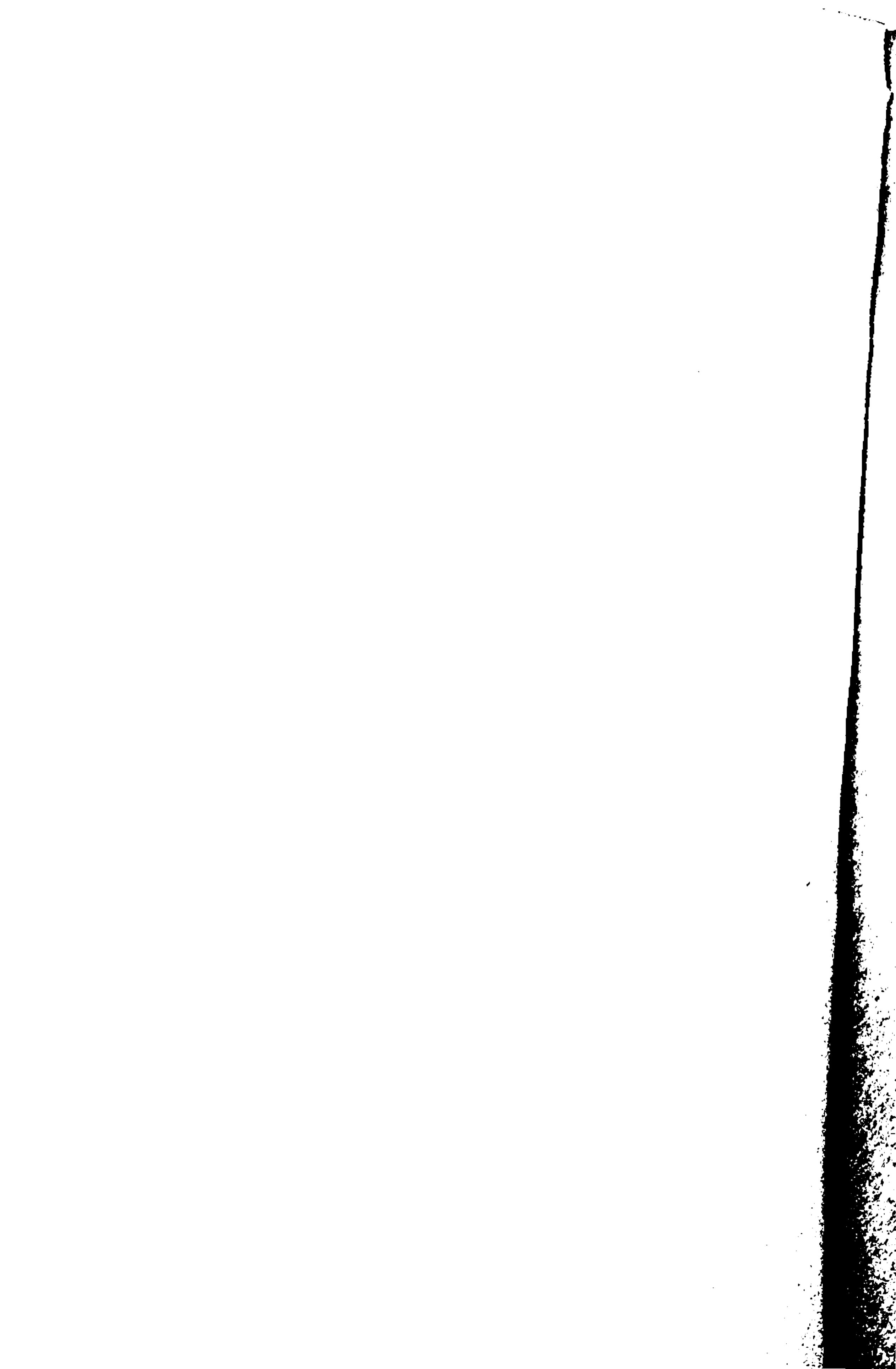
Gustavo, enxugou algumas lagrimas na manga da camisa de algodão, prendeu mais a calça com a grossa correia que lhe servia de cinta, e parou á porta dum quarto pobre, timido e hesitante.

V

Ahi, sobre uma mesa, um caixão mortuário; e, em torno delle, quatro velas de cera, crepitavam. Eliza, lá estava, os cabellos pretos, soltos, em ondas, pallida, olhos cerrados levemente, mãos entrelaçadas sobre o peito, toda de branco, dormindo o sonno da eternidade. A morte tremenda não lhe roubára, porém, a formosura.

Abre dr. Quillie de Campos

O dorminhoco



VI

... Approxima-se. Sente que as forças se lhe esvaem a pouco e pouco e como que a estalarem as suas fibras. Olha sorrindo para Eliza, como não crendo que ella dormisse esse sonho mysterioso da morte. Passa depois os dedos pelo o cabello liso, bast e secco, o olhar em fogo, as faces appopleticas. Parece vê-la agora no sonho infindo da eternidade. E, imprimindo-lhe na fronte fria um beijo ardente de paixão e de saudade, sahe allucinado, correndo sem rumo, vertiginosamente, pelos campos verdejantes, infindos, allumiados apenas, esplendidamente, do alto, pelo luar que estendia levissimo o alboroz das neblinas...



O DORMINHOÇO

—*verso de roça*—

I

D

omingo. Sol rútilo e abrazador. O bairro em festa. Distante, o sino da igreja repicava alegre, convidando os devotos á missa das oito horas.

O Seraphim, encostado á porteira, braços cruzados sobre o varal, todo preguiçoso, olhava além para a estrada tortuosa, em frente, toda vermelha, vendo com uns olhos vagos, de quem sofre hypochondria, o passar das mulheres, com seus vestidos muito ríjos de gomma, chale ás costas, guarda-sol á mão, acompanhadas do marido e filhinhos; homens barbados, descalços, chapéu molle, armados de cacetes; rapazes gingando. Todos caminhavam alegremente, em direcção á igreja, situada em alegre e vistoso planalto. Só elle não ia á missa, não ia á festa: não pedira permissão ao major Pedroso, de quem era camarada havia muito.

II

—Nhô Seraphim, ó nhô Seraphim, dia-nhol... vamo!...—dizia o Theodoro, outro camarada do major, sacudindo de leve o dorminhoco, que cochilava sobre a porteira.

—Heim?... quê? — resmungou, despertando, com cara de sono, espreguiçando-se.

—Eu já pidi licença p'ra seu majó: vamo vê a festa... anda, coisa má... O dorminhoco debruçou-se sobre a porteira, descansou o pé no varal, embaixo, e firmando o olhar no de Theodoro, perguntou:

—Mecê não tá caçando?... mecê pidiu memó, heim? Oi que o majó não é certo...

—Ora... já pidi... tó dizendo, vamo...

O Seraphim, então, agachando-se, firmou as mãos nos joelhos, enfiou, assim de lado, a perna esquerda entre dois varaes e, levando o resto do corpo, transpôz a porteira. Fechou o paletot, endireitou o lenço no pescoço, bateu com força o chapéu na palma da mão, para tirar a poeira, arrumou-o devagar, de banda, na cabeça, arrebitou a aba e, olhando de esguelha para o sol, seguiu.

III

O sino ainda repicava. Foguetes subiam céleres, rebentando no ar; o pequeno largo da igreja, muito adornado de bambús e de bandeirinhas de papel multicolor, estava alegre, transbordante de povo; quitandeiras postavam aqui, alli, pelo pateo. A procissão deveria sahir naquelle momento, após a missa.

O sino, de repente, parou. Uma banda de musica, no coreto ao lado, executava uma marcha.

IV

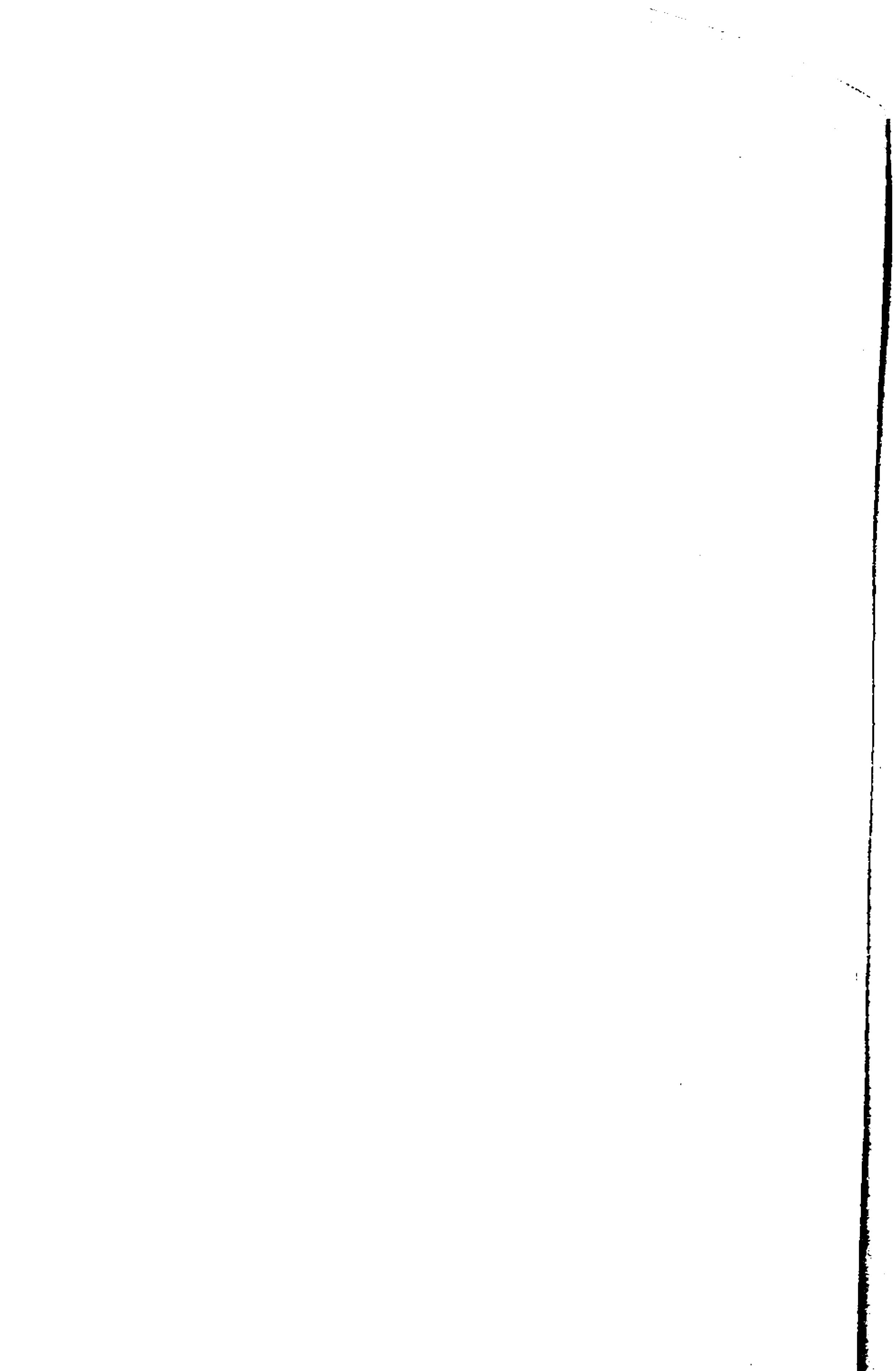
No meio desse rumor ao sahir duma procissão, o dorminhoco perdéra-se do Theodoro. Resolveu então voltar. Quando a procissão deu entrada na igreja, sob os repiques agudos dos sinos, o dorminhoco achava-se muito teso a um lado da porta. Desapareceu, porém, de repente. E em quanto um padre enorme, cor de pimentão, cara balofa e nariz aduncos, parecendo-lhe querer entrar-lhe pela bocca a dentro, pregava, o Theodoro corria os olhos azues, espantados, por toda a igreja, procurando ver o Seraphim.

Nada. Fora, caipiras, de cigarros á bocca espreitavam o sol. Onze horas; terminada a festa.

V

Logo pela manhã do dia imediato, o velho e grave sachristão, de grandes oculos azues, orelhas enormes, rosto enrugado, abriu a igreja.

... Lá dentro, bem ao fundo, proximo ao altar-mór, na sachristia, cheia de santos, o soalho muito pisado de pés e, sobre uma commoda, vestes ecclesiasticas e paramentos em desalinho. O sachristão, abriu devagar a porta, dando duas voltas na fechadura e, surprezo viu um corpo de homem estendido dormindo. Approximou-se e notou um typo anemico, ar doentio, todo esparulado num velho sofá, cabeça caída para



UM CASAMENTO NO SERTÃO



I



Jesuino, com a mão na viola,
cantava estes versos, no quintal, muito allumiado
pela pallidez jaspeada da lua :

Quando cheguei na porta,
Logo vi que ella gemia :
Coitada da minha amada.
Tá na urtima agonia...

E o Estevam, que o acompanhava, fazendo o pinho gemer, dizia :

Coitada da minha amada,
Tá na urtima agonia...

As violas gemiam, gemiam e, de repente, continuava o Jesuino, com a cabeça alçada, olhando p'ra lua :

A morte que matou ella
Matou-me a mim tambem;
Não gosei com minha amada,
Não goso com mais ninguem...

E o Estevam concluia :

Não gosei com minha amada.
Não goso com mais ninguem...

A Joanna, que escutava de perto, sentada ao limiar da porta da cosinha, ria, ria.

muito. E o Zacharias então, que não cabia em si de contente, batia palmas, dizendo:

—Mais um pouco, nhô Jesuino, mais um pouco... O Jesuino apertou as cordas da viola e começou sózinho:

Eu passei o mar a nado,
No fundo duma tigella,
Arriscando minha vida
P'ra mode moça donzella...

Arriscando minha vida
P'ra mode moça donzella...

Quem quizé caçar rolinha
Faça buia na roseira'
Quem quizé moça bonita
Faça buia n'algibeira...

Quem quizé moça bonita
Faça buia n'algibeira...

Quem quizé caçar macaco,
Faça laço na campanha,
Eu já sou macaco vêlo
Quarqué laço não me apanha...

Eu já sou macaco vêlo,
Quarqué laço não me apanha.

Parou a viola, parou a cantiga.

— Muito bem, muito bem—fazia entusiasmado o Zacharias. A Joânnia continuava a rir; e voltando-se para um lado:

— Que tal, hein?

— E' damnado memo p'ra viola, é . . . respondeu o tio Vicente, que até ali se conservava quêdo, num canto, namorando a lua.

De repente, apareceu, de pala enfiado a

pescoço, de tamancos, um homem alto, de pouca barba. Era o nhô Fidencio, «o homem dos cargueiros» como o conheciam.

Com a chegada do Fidencio, caipira muito alegre e pandego, todos começaram a dançar um forte batuque, a pedido d'elle:

Tá, tará, tá, tá, bum, bum. . . . E a Joanna requebrava-se toda no meio dos homens. E o Fidencio batia com força os tamancos no chão duro; e o Jesuino com o Zacharias, empunhando as violas, sapateavam com a Thereza e a Custodia; e o som dos tamboriletes enthusiasmava a todos, sobremaneira.

II

Enquanto o batuque lá fôra, no terreiro, rugia forte, ceiava-se na sala alegremente.

Mulatas, de vestidos brancos, muito alvos, rosas na cabeça, davam uma certa poesia áquella ceia, onde se viam homens graves, caras de ursos. Às 9 horas, todos se retiraram da mesa. Começou então o baile, aos sons agudos e sussurrantes de duas violas, qual dellas a melhor, manejadas maravilhosamente por dois caboclos robustos e mal encarados, sentado um ao pé do outro, a um canto, a perna direita sobre a esquerda, o instrumento por cima da coxa, verticalmente, os olhos em alvo no tecto da saleta pobre.

Ouvia-se de vez em quando um choramingar de criança, o ralho de uma mãe, uma gargalhada estrepitante dum caipira. Homens, de bigodes cahidos ao canto da bocca, roupa

e botinas de pouco preço, gravatas amarradas, caras de idiotas, pontas de lenços aparecendo na algibeira, dançavam, sem saber como dançavam, ás tontas . . .

III

Lá dentro, na sala de jantar, caiada de branco e sem forro, está collocado um barril de pinga. Vem um, outro e mais outros bebem, enxugam na manga a bocca. Voltam dahi a pouco, bebem novamente e, em alguns minutos, o barril está vazio . . .

IV

O velho relogio, preso á parede, coberto de teias d'aranha, bate meia noite. A pouco e pouco, cada um vai se despedindo:

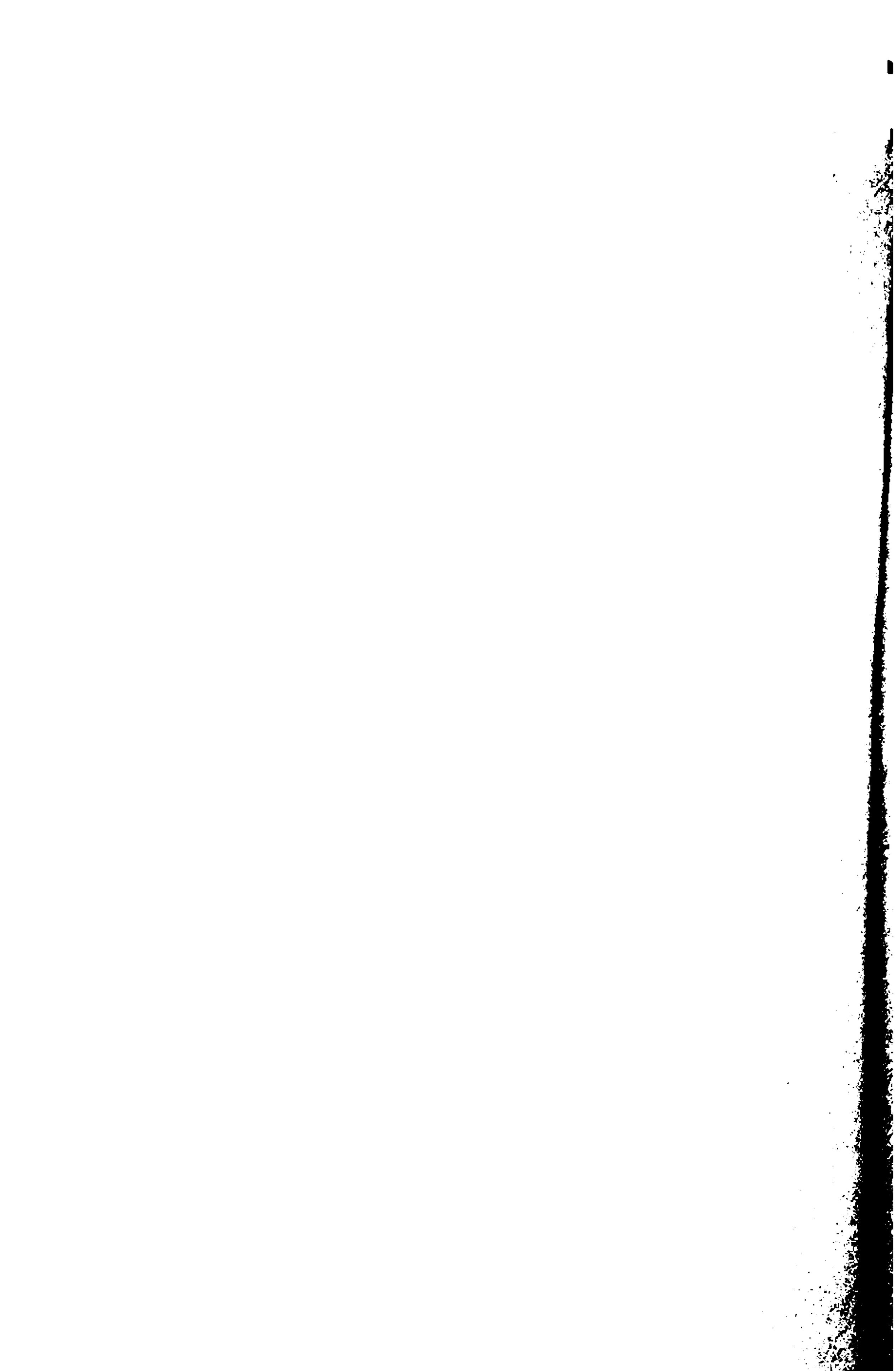
— Inte logo, meccê discurpe arguma coisa.

O rumor da casa vai baixando.

V

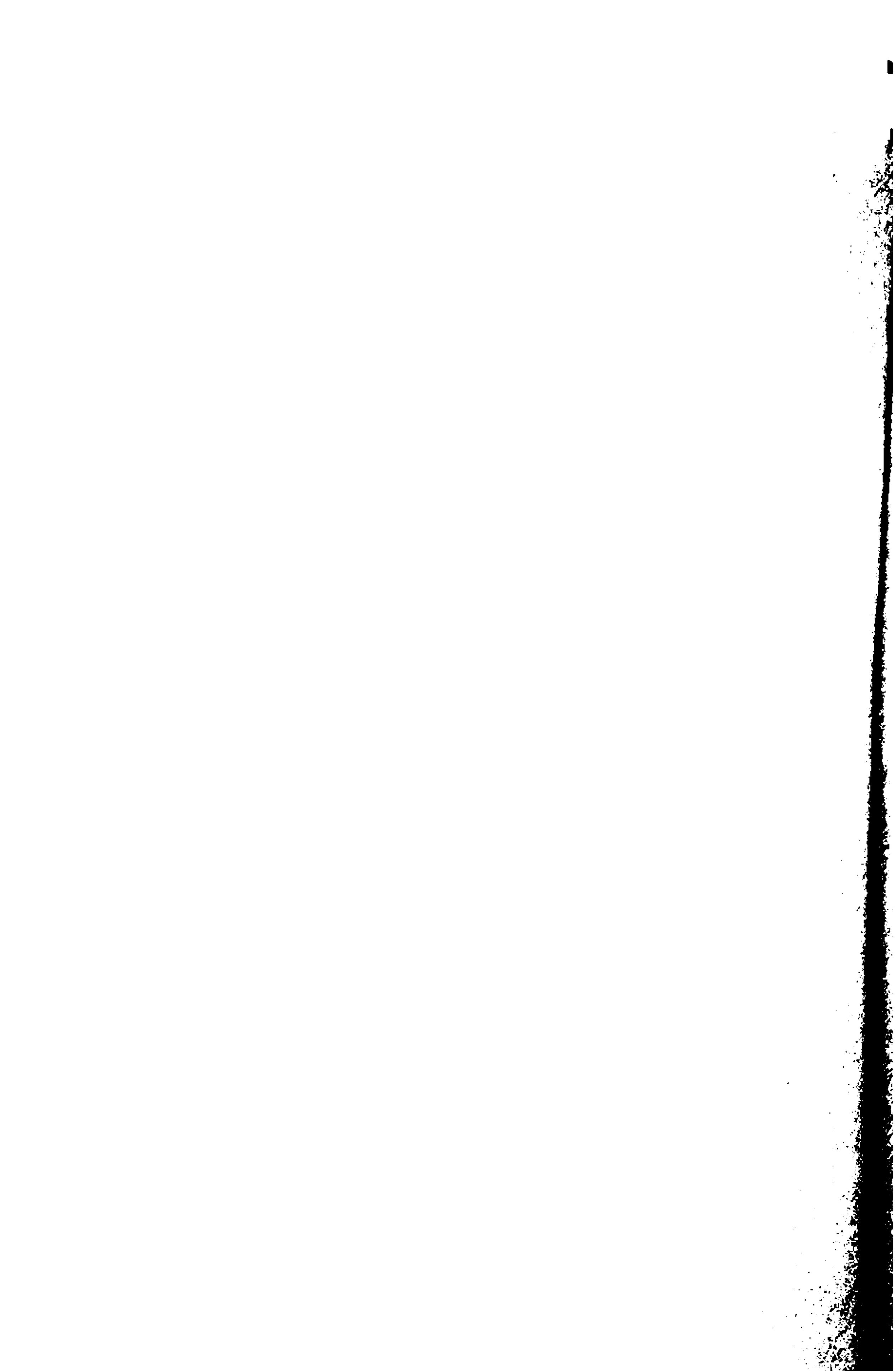
O Jesuino e o Estevam sahiram por ultimos, violas em baixo do braço, rindo e cambaleando, com saudades da pinga, que se acabára.

. . . Amanhece. Manhã explendida. O pésado rolar dos carros de bois vem acordar o Fidencio, que se espreguiça, muito cançado do sainba. Gallos cantam, e ouve-se um rumor grande de tropa pela estrada, em caminho da cidade. O Fidencio veste-se de vagar



... Carlos Ribeiro

O fiasco do João Barnabé



enquanto a nhá Beatriz aprompta o café.

— O café tá na mesa, nhô Fidencio — grita de repente, o voz forte de nhá Beatriz.

— T'já vô . . . E entra na cosinha, toma vagarosamente o café e sahe. Vae p'ra venda do João Mocótó alli perto, em frente.

E' domingo; sete e meia da manhã.

VI

Quando o Fidencio penetrou na venda, o João Mocótó com o seu nariz comprido, rosto pallido, perguntou, depois de o cumprimentar: — Antão-se, nhô Fidencio, que tar a festança de honte, hein?

— Chi! nem pregunte: intê tinha na mesa perú rinchado! . . . E emborcou meio martello da branca.



O FIASCO DO JOÃO BARNABÉ

I

Muito além da Matriz que sobressaia no alto da elevada collina, ao lado dum frondoso bosque, via-se uma choupana, a unica daquelles sitios taciturnos.

Todas as noites, alli pelas nove, um vulto alto de sertanejo descia vagaroso por umá das ruas pobres da villa, em serenata, repinicando a viola.

E, ao approximar-se daquella vivenda, assim cantava :

Botei meu barco ao mar,
Com estandarte portuguez,
P'ra vê se assim conduzo
Meu bem commigo otra vez...

P'ra vê se assim conduzo
Meu bem comimigo otra vez...

Eu fui aquelle que esteve
Detraz do lirio deitado,
Chorando lagrimas tristes,
Como quem se viu deixado...

Chorando lagrimas tristes
Como quem se viu deixado...

Passarinho que cantai
De manhã muito cedinho,
Se cantai p'ra me dar pena
Não cantai, meu passarinho...

Se cantai p'ra me dar pena
Não cantai meu passarinho...

E o vulto seguia silencioso, tocando a viola, cujas notas saudosas iam penetrar fundo na alma da Ritinha, que, já deitada, ansiava por ver o autor daquellas trovas, cuja voz não lhe era de todo desconhecida.

II

... Uma noite, formosa e suave noite de luar, ella levantou-se, pé ante pé, a camisa de cambraia desenhando as fôrmas robustas, os cabellos caídos para as costas, cobrindo as omoplatas. Entreabriu a janella, sem ruído. A voz rouca do sertanejo terminava:

Chorando lagrimas tristes
Como quem se viu deixado...

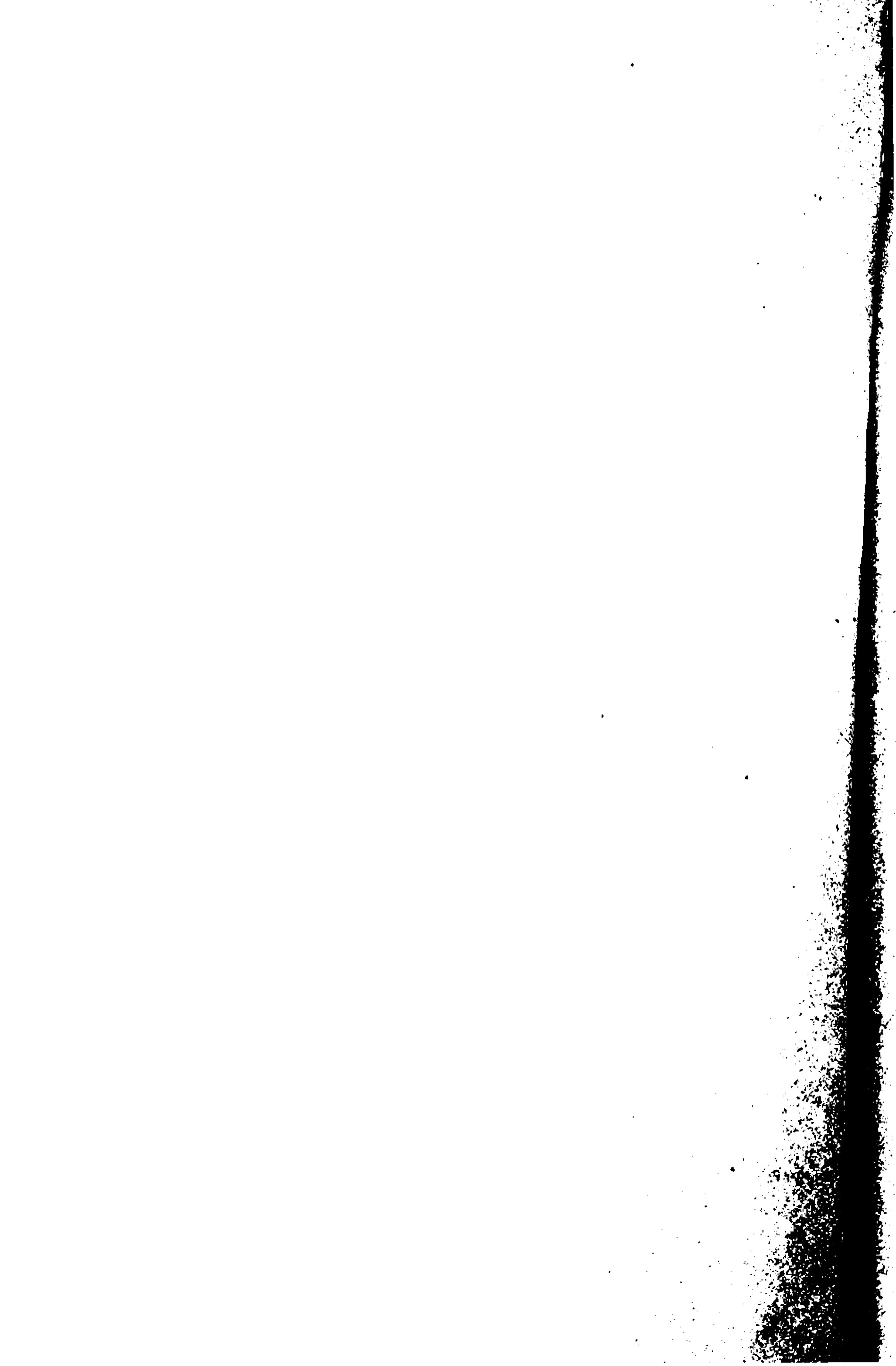
Enorme satisfação se desenhou no rosto virginal da Ritinha, reconhecendo naquelle vulto a figura sympathica do João Barnabé, do seu antigo amado, que há tanto tempo seus olhos não viam.

... Devagarinho conversaram durante muitos minutos.

III

Passou-se um mez. Certa manhã, o João Barnabé, apresentou-se á casa da Ritinha, bateu palmas.

— Ora entre, nhô Barnabé, entre... disse o Santiago, um homem baixo, em mangas de camisa, grande barriga, com uma barba pre-



ao Professor Izidro Penor

Rapto



ta e maltratada, cobrindo-lhe o rosto vermelho e cheio. Os dois, a sós na salinha pobre, sentados, fumavam. O João Barnabé não sabia como começar.

Muito nervoso, meio timido, meio vacilante, gaguejou enfim, atirando para um lado, a ponta do cigarro comprido, de palha grossa, de fumo forte :

— Nhô San... San... tiago... e... eu ven... ven... venho pedi p'ra van... van... cé u... u... má licen... licen...ça.

— Pois meccé sabe, eu podendo servi... a

O João Barnabé correu os olhos pela saleta, tossiu, escarrou e disse, amarrotando o chapéu mole, tremulo, como uma folha o passar da viração :

— A... a... sua fi... fi... a em arren... arren... damento!... O Santiago, muito espantado, arregalou os olhos e levantando-se:

— Em arrendamento?... Minha fia?...
Como, nhô?... Uae!...

Mas o João Barnabé, vermelho como lacre, perplexo, muito nervoso, emendou logo, notando o seu engano:

— Nhôr... nhôr não, em cá... cá... sa... men... to...
—

RAFTO

* * * * *

I

Em quanto o Malaquias movia-se no rancho, de um lado para outro, ligeiro, arranjando em cargueiros barris de pinga, a Josephina, já muito cedo, dava também mil voltas pela casa. Penteava o cabello, vestia-se às pressas, amarrava uma fita cér de rosa ao alto da trança longa e preta, varria a casa e, depois de tudo arranjado, vinha postar-se á porta, mãos nos quadris, tendo os olhos cravados ao longo da estrada.

II

Aos sabbados, quando o sol apontava ao longe, com seus raios penetrantes e luminosos, o Malaquias também apontava lá em baixo, na curva da estrada, sustigando os dois burricos desferrados. Era então de ver-se a alegria da Josephina, ao enxergar o Malaquias, ao longe. Olhava p'ra dentro, p'ra sôra, cantava baixinho, brincava com a trança, endireitava-se toda, á passagem do caipira. O Malaquias, parava e dizia rindo:

- Bão dia, nhá Josephina... tá bôa?...
- Bôa, obrigada, e o sinhô?
- Também bão... eh! eh!... agardecido...

— E tocando os burricos, estrada em fóra:
 — Inté logo intão, meu coração... eh ! eh !...
 — Inté logo, meu amô... .

... Do alto, o Malaquias voltava-se, e os seus olhos de caboclo encontravam-se com um acenar forte de lenço, que a bella morena sacudia no ar, entrando depois, muito contente de ver o seu caro Malaquias, o «seu noivo.»

III

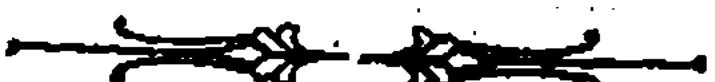
Pelas noites enluaradas, quem passasse por lá, teria occasião de ouvir, vindo do fundo do pequeno quintal, uma sibilação de ss ; e, firmando bem a vista, viria embaixo de umas bananeiras, a figura esguia do Malaquias e a faceira Josephina, sentados ambos, muito juntinhos, como dois anjos cahidos do céu . . .

IV

Assim passaram elles durante alguns meses. Um dia, domingo de Abril o nhô Felisberto, pae da Josephina, déra por falta desta.

E debalde chorou, indagou, procurou, rogou pragas.

O Malaquias e a Josephina, passavam a lua de mel muito longe, num sitio, zombando delle, por não consentir-lhes casar....



POR UM DERRICO...

I

CHUVA A CANTAROS

Passava então pela estrada infiada e vermelha, de volta do mercado longinquó, o Manoel Gostozo, que se vira obrigado a entrar na vendo do nhô Gaudencio, a uma legua ainda distante do sitio de seu Dr. Passos.

Um vento rijo rugia no espaço; as enxurradas, humidecendo os campos e as campinas verdejantes, vinham encher a estrada d' areia; e as arvores, baloiçando violentas, choravam folhas que esvoaçavam, caprichosas pelo ar, como borboletas verdes, pequenas e escuras, no meio das compridas e prateadas cordas d'agua,

—Dianho de tchuva sem préposito ... depois dum dia tão bão de calô... — disse, e pegou nos dedos do nhô Gaudencio, deixando lá fóra, na porta, redeas ao chão, o magro e somnolento *pampá*.

Depois cumprimentou a uns outros e encostou-se, todo mãos nos bolsos, ao balcão a observar as torrentes d'agua.

—Antão-se, nhô Manoé, não paga nada?... — requereu o nhô Quim, com um risinho muito doce d'caipira esperto, franzindo o nariz

— Ladrão!... vâ robá nos quinto, dâm-nado!...

Nhô Bento, avançou, mas, uma bofetada do caboclo o prostou por cima dumas garrafas, e o nhô Chico, con quanto a questão não fosse com elle, injuriou-o, sendo repelido pelo Manoel Gostozo, que lhe dêra uma vibrante relhada, que si não fôra a vítima firmar-se à mesa, cahiria também...

II

Depois da tempestade, o vivificante astro do dia, appareceu, mas já no horizonte.

O caboclo montou no *pampa* e partiu, satisfeito de ter ensinado áquelles «dois cãchorro.»

A's 5 dâ tarde, chegava o Manoel Gostozo ao sitio de seu Dr. Passos.

Quando, lá bem ao fundo, defronte do rancho coberto de sapé, o caboclo tirava os arreios do animal, ouviu uma voz aguda de mulher perguntar da porteira:

— Nhô Manoé, nhâ dona, muié de seu Dr. istá?... élle, então, olhou e disse, com a sua voz rouca:

— Tá... tâjá vô abri... E largando tudo correu.

— Bas talde, nhô Manoé.

— Bas talde... bas talde, nhâ moça, eh!... eh!...—fallou, levando a calosa mão ao queixo redondo da Gabriellinha—uma que se casára havia pouco com o preto Felisberto, do Coronel Feitoza.

— Tá bão, nhô Manoé, não s'ingrace, hein? — disse, franzindo o sobrecenho

— Eh!... hum!... hum!... não zangue...

E no momento em que elle a convida va para ir alli pertinho, alli no bosque, que se estava avistando, logo alli, um vulto gigante de negro surgia de repente, de dentro da mata.

O Manoel Gostozo viu diante de si o marido da Gabriellinha.

III

O que qué antão-se, miserave?... disse, — imperioso, o olhar esbravejado, pegando-o no pescoço, apertando-o, quasi asfixiando-o...

O Manoel Gostozo, com as faces afo- gueadas, procurava uma arma qualquer. Inesperadamente, porém, o Felisberto sacou de uma faca, cravou-a com força, deshumana- mente, bem fundo, com braço firme, firme o corpo, no estomago do Manoel Gostozo, que, revirando os olhos, entreabriindo a bocca, caiu exanime p'ra traz.

A Gabriellinha, rapariga muito nervoza, tremia como a luz de uma vela tocada pelo vento, chorava quasi, vendo o sangue do pobre — Manoel correr como agua.

— E p'ra tu, sá sem vergonha, p'ra tu, muié atôa, tem isto. E mostrou-lhe uma garrucha.

A mulher approximou-se soluçando, os seios agitados, timida, muito timida, como se tivesse commettida uma grande, uma imperdoavel falta:

— Meu Deus!... Não, Felisberto!... Socorro!...

O negro, porém, recuou dois passos, o olhar fixo na mulher e, encolerizado em extremo, apontou a arma, disparando-a.

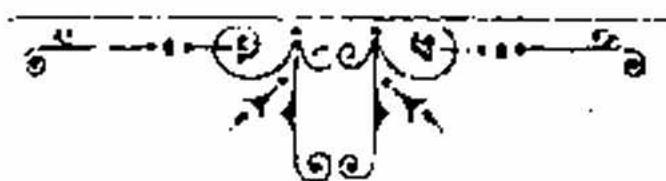
A Gabriellinha, sem dar um só gemido, levou as duas mãos ao coração, varado pelas duas balas, fechou as palpebras, vitou duas vezes e caiu pesada, como um tronco d'arvore derribado por continuas machadadas...

Estendidos ambos na lama, o negro seguiu, tranquilla e vagarosamente, estrada a fóra. As aguas dos ribeiros corriam barrentas, por entre os hervaçaes e além balouçavam uivando chorosas as francesas compridas e ramalhudas dos velhos pinheiros, ao passar esfuziante do vento.

Anoitecerá de todo. Nos brejaes de em torno coaxava rouenho e lugubre o côro das rans.



INDICE



ÍNDICE

	<i>Pags.</i>
<i>Das palavras</i>	<i>I</i>
<i>Gustavo, o laçador</i>	<i>I</i>
<i>O dorminhoco.</i>	7
<i>Um casamento no sertão.</i>	<i>II</i>
<i>O fiasco do João Barnabé</i>	<i>16</i>
<i>Rapto</i>	<i>19</i>
<i>Por um derrico</i>	<i>21</i>



Errata

Na confecção deste livro, apesar de todo o cuidado, escaparam alguns erros typographicos, que o leitor intelligente corrigirá; taes como: *derriçó*, no frontespicio; *parecendo-lhe*, em vez de *parecendo*, e algunos outros.